

A EXPRESSÃO DOS PROCESSOS SENTAR E LEVANTAR EM RELATOS DESCRITIVOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO ESPANHOL DO URUGUAI

LUCAS MARIO DACUÑA BADARACCO*

MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA**

THAIS TELLES BARBIERI***

RESUMO

Neste artigo, investiga-se a expressão dos processos *sentar* e *levantar* em relatos produzidos por três sujeitos falantes nativos do português brasileiro (PB) e três do espanhol uruguaio (EU). Discute-se a estrutura linguística formada pelo verbo *estar* e por um verbo no participio. Visto que no PB e no espanhol há modos particulares de exprimir os dois processos, haveria diferenças naquilo que é dito e inferido? Para a coleta, produziram-se gravuras e formularam-se perguntas, visando obter os dados pretendidos. O objetivo foi verificar se existem evidências de que cenários idênticos são relatados distintamente pelos falantes do PB e do EU.

PALAVRAS-CHAVE: Sentar, levantar, linguística cognitiva, português brasileiro, espanhol do Uruguai.

1. INTRODUÇÃO

A partir de trabalhos envolvendo comparações interlinguísticas, desenvolvidos por Slobin (1996; 2003), surgiram questões que incitam

* Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lucasbadaracco@hotmail.com.

** Graduada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Mestra em Linguistique-Sémiotique-Communication pela Université de Franche Comté (UFC), Besançon, França. Doutora em Sciences du Langage Linguistique et Phonétique pela Université de Paris X – Nanterre (UPN), Nanterre, França. E-mail: brumdepaula@yahoo.fr.

*** Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Brasil. Mestranda do PPGL do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade federal de Pelotas. E-mail: ttbarbieri@gmail.com

a investigação de fenômenos linguísticos cujos estudos no Brasil têm crescido nos últimos tempos. Dentre eles, escolheu-se analisar o modo como se expressam os processos *sentar* e *levantar* em relatos descritivos produzidos por falantes nativos do português brasileiro (PB) e do espanhol do Uruguai; em especial quando se empregam nas estruturas linguísticas compostas por um verbo auxiliar (*estar*) e por um verbo principal no particípio. Por exemplo, para descrever uma cena em que há um menino sentado no chão, diz-se *O menino está sentado no chão*. No espanhol, assim como no PB, essas construções gramaticais integram a linguagem cotidiana dos falantes. Para a mesma cena, ter-se-ia *El niño está sentado en el suelo*.

Os exemplos de ambas as línguas expressam, conforme terminologia de Ilari e Geraldini (1992, p. 23), os mesmos elementos: *participante* (*o menino*), *processo* (*estar sentado*), *circunstância* (*no chão*). Embora haja muita proximidade entre português e espanhol, há diferenças em relação aos verbos que cada língua admite em sintagmas formados pelo verbo *estar* seguido de um verbo no particípio. Diferentemente de *sentar*, o estado resultante de *levantar* no PB, não pode ser expresso em particípio como segundo termo desse sintagma. Não é o que ocorre no espanhol, em que é aceitável dizer, para um cenário hipotético em que há um menino em pé em cima de uma cadeira, *El niño está parado arriba de la silla*.¹

O verbo *pararse*, que equivale a *levantar* nesse contexto, é passível de ser usado em forma de particípio. No PB, porém, o resultado seria uma sentença agramatical.² Instaura-se, assim, uma discrepância que merece atenção, haja vista as implicações que pode trazer à compreensão do comportamento dessas línguas no momento da fala. Segundo Slobin (1996, p. 76), autor em cuja proposta se apoia este estudo, o conteúdo da mente (*pensar*) é muito específico ao acessá-lo para o uso (*falar*).

Neste artigo, portanto, investiga-se a expressão dos processos *sentar* e *levantar* em sintagmas formados pelo complexo verbal *estar* + *verbo no particípio*. O *corpus* é composto por duas línguas: português do Brasil e espanhol do Uruguai. Objetiva-se, em suma, analisar se há consequências comunicativas relacionadas às formas gramaticais disponíveis em dois sistemas linguísticos próximos. Para tanto, adere-se a pressupostos da Linguística Cognitiva, que “[...] adota

uma *perspectiva baseada no uso*, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (FERRARI, 2011, p. 18).

Na primeira seção, apresenta-se a proposta *pensar para falar*, de Slobin (1996), uma vez que se usam, ao longo do artigo, conceitos relativos a ela. Na segunda seção, faz-se a introdução ao fenômeno investigado: as construções com participio. Na terceira seção, discorre-se a respeito da metodologia adotada no trabalho. Na quarta, quinta e sexta seções, apresentam-se os dados coletados, a discussão dos resultados e as conclusões.

2. PENSAR PARA FALAR

Nesta pesquisa, opera-se com o conceito proposto por Slobin (1996) *pensar para falar*. Há necessidade de explicá-lo, uma vez que se propõe substituir os termos *pensamento e linguagem* por *pensar e falar*.

Em seu trabalho, o autor alude a vertentes que abordaram a influência da língua no pensamento. Cita, em primeiro lugar, Humboldt, para quem cada língua revelaria algo novo e linguagem e pensamento seriam inseparáveis.³

Para Humboldt (1999), portanto, haveria uma interdependência entre o pensamento e a palavra e cada comunidade de fala teria, por conseguinte, uma visão de mundo distinta. Desse modo, os dois termos-chave do pensamento humboldtiano são pensamento e linguagem. No século XX, associa-se essa perspectiva a Whorf, para quem os falantes seriam condicionados pelas propriedades gramaticais existentes em cada língua. Isso afetaria o modo como eles perceberiam situações, o que os faria “não equivalentes como observadores” (WHORF, 1956, p. 221 apud SLOBIN, 1996, p. 70).

Slobin (1996) sugere, em vez de abordar as entidades estáticas *pensamento e linguagem*, salientar os processos dinâmicos *pensar e falar*. Com isso, visa-se à análise mais acurada dos tipos de processos mentais que ocorrem durante a formulação de uma sentença. Objetivase, no mesmo sentido, focalizar as partes dos enunciados que a organização gramatical de cada língua requer.

2.1 DOMÍNIOS SEMÂNTICOS EM INGLÊS E EM ESPANHOL

Slobin (1996) analisa tanto línguas tipologicamente próximas quanto distantes, mostrando semelhanças e diferenças sistemáticas entre elas ao serem usadas por falantes em narrativas orais. A hipótese defendida é que, já aos três ou quatro anos de idade, crianças seriam influenciadas pelas propriedades gramaticais das suas línguas maternas. Isso indicaria haver uma forma especial de pensamento, que se manifestaria no instante da comunicação. Segundo o autor, o conteúdo da mente é especial ao querer-se usá-lo para interagir; ou seja: a atividade de pensar é distinta quando é requerida para a atividade de falar. Assim, propõe-se que “[...] ao adquirir uma língua nativa, a criança aprende modos particulares de pensar para falar.” (SLOBIN, 1996, p. 76).

Os domínios semânticos investigados nas narrativas são o de tempo e o de espaço. Quanto ao primeiro, inglês e espanhol funcionariam de forma parecida no *pensar para falar*: ambos tendem a marcar o aspecto verbal de duração (tendência não verificada em alemão ou hebreu, por exemplo).

(1) The boy **fell** from the tree and the dog **was running away** from the bees.⁴

Em espanhol, por seu turno:

(2) El niño **se cayó** del árbol y el perro **estaba huyendo** de las abejas.

Podem ser expressos, logo, nessas duas línguas, tanto eventos pontuais ou acabados (a queda) quanto não pontuais ou inacabados (a fuga). No que concerne ao espaço, contudo, constatam-se discrepâncias que devem ser detalhadas.

As duas línguas teriam diferenças significativas quanto aos padrões de lexicalização de verbos de movimento. Talmy (2006) afirma que esses verbos, em inglês, expressam *mudança de lugar* de um modo particular, sem especificar a *direção*, que é explicitada por preposições e partículas. Por exemplo:

(3) The bird flew **down from out of** the hole in the tree.

O verbo (*fly*), portanto, especificaria apenas o modo do movimento e os elementos a ele associados especificariam a trajetória (*down from out of*). Diferentemente, em espanhol, os verbos de movimento expressariam ou direção – *entrar, salir, subir, bajar* – ou modo – *volar, correr*.⁵ Não se poderia, porém, exprimir modo e direção em expressões compostas, como em inglês. A forma mais aproximada de (3), em espanhol, seria:

(4) El pájaro salió del agujero del árbol volando hacia abajo.⁶

Essa diferença, para Slobin (2003), traria implicações ao *pensar para falar*, pois o modo do movimento é expresso, na sentença, por um verbo principal. Isso significaria que o modo seria mais saliente aos falantes do inglês do que aos falantes do espanhol (língua em que o modo vem em forma de adjunto).⁷

2.2 ELEMENTOS DO DOMÍNIO ESPACIAL

Um ponto que se considera importante no domínio espacial das duas línguas é a significação das preposições. No inglês, as partículas preposicionais são diversas e veiculam sentidos muito específicos acerca do movimento; no espanhol, são poucas, polissêmicas e dependentes do contexto para a construção do significado. Isso justificaria, em parte, porque se utilizam tantas orações relativas no espanhol, uma vez que fornecem informações adicionais de cenários. Por exemplo, em inglês, pode-se dizer:

(5) The boy put the frog down into a jar.

Em espanhol, uma das formas que equivaleriam a (5) teria oração relativa:

(6) El niño metió la rana en el frasco **que había abajo**.⁸

Nessas sentenças, haveria uma discrepância entre o que é dito e o que é inferido. Enquanto o inglês veicula a informação da trajetória

por meio de preposições e partículas específicas, o espanhol deixaria implícita a trajetória, que se depreenderia graças à combinação da preposição *en* e da oração relativa *que había abajo*. Assim, o inglês expressaria a trajetória e inferiria a localização do objeto *jar*; o espanhol, por sua vez, expressaria a localização do objeto e inferiria a trajetória. Essa diferença entre o expresso e o inferido seria, para o autor supracitado, sistemática entre as duas línguas e traria consequências à gramática do discurso. No espanhol, além das orações relativas, um efeito seria o uso de construções com participio, tais como:

(7) El niño **está subido** en el árbol.⁹

Slobin (1996) afirma que o tipo de estrutura de (7) é utilizado pelas crianças de idade mais precoce. Não haveria, entretanto, equivalentes em inglês que deixassem explícito o *estado final* do participante (o menino).

Portanto, o padrão de ambas as línguas seria, no que tange à expressão do movimento, bem delineado: falantes de inglês dariam maior atenção narrativa à descrição de processos; enquanto falantes de espanhol, à descrição de estados. Contudo, essa distinção não se restringiria a esses dois sistemas linguísticos. Slobin (2003), embasado em resultados de diversas pesquisas de *pensar para falar*, sugere que haja dois grandes grupos de línguas: as línguas-satélite (línguas-S) e as línguas-verbo (línguas-V).¹⁰ O primeiro teria, como principal representante (devido ao número maior de pesquisas desenvolvidas), o inglês e, como principal característica, o uso frequente de verbos de modo associados a numerosas preposições de sentidos variados. O segundo grupo, por sua vez, seria formado, mormente, por línguas românicas (espanhol, francês, português, italiano, galego) e preferiria o uso de verbos de direção associados a poucas preposições polissêmicas.

2.3 IMPLICAÇÕES DO PENSAR PARA FALAR

As pesquisas de *pensar para falar* indicam que os eventos relatados pelos falantes das línguas analisadas são percebidos de formas distintas no momento de verbalizá-los. Isso aconteceria devido às propriedades gramaticais obrigatórias que cada língua tem,

as quais condicionariam a atenção dos usuários. Estes, por seu turno, aprenderiam a lidar com essas categorias gramaticais (tais como *aspecto* ou *definitude*¹¹) na infância e seriam por elas fortemente influenciados ao descrever cenários, narrar situações ou expressar eventos. Por fim, afirma-se que as línguas não seriam sistemas neutros de representação de uma realidade objetiva, mas sim uma visão subjetiva do mundo segundo a experiência humana. Seria essa visão, logo, que afetaria o modo como se pensa enquanto se fala.

3. CONSTRUÇÕES ESTAR + VERBO NO PARTICÍPIO EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL

Os sintagmas formados pelo verbo auxiliar *estar* e por um verbo principal no particípio para expressar um estado são de uso frequente no espanhol. No PB, a tendência é a mesma, o que indica um padrão quanto ao funcionamento da língua no campo semântico espacial. Conforme Slobin (1996), essas construções sugeririam um padrão quanto aos ditos e aos inferidos: elas expressariam o estado final e deixariam implícito o processo. Embora sejam sistemas linguísticos muito próximos e pertencentes ao grupo de línguas-V, devem-se promover pesquisas que envolvam o espanhol e o PB, a fim de verificar até que ponto comportam-se de modo semelhante.

3.1 O CAMPO ESPACIAL

No campo espacial, as construções de *estar + verbo no particípio* têm um papel importante, uma vez que a elas se recorre para, por exemplo, descrever cenários. Analisando-as atentamente, porém, percebe-se que nem todos os processos podem aparecer em forma de verbo principal no PB. O resultado de usar um verbo cuja recorrência nesse sintagma seja estranha aos falantes pode ser interessante:

(1) *O menino **está subido** na árvore.

É bastante provável que os falantes do PB julguem a sentença (1), minimizando fatores contextuais, agramatical. Diferentemente, em (2), haveria unanimidade quanto ao grau de aceitabilidade da sentença:

(2) O menino **está sentado** na grama.

Os processos *subir* e *sentar*, ao referir-se a uma entidade (o *menino*, nos exemplos acima), porém, são recorrentes em relatos narrativos, tais como:

(3) O menino **subiu** na árvore.

(4) O menino **sentou** na grama.

A discrepância ocorre, na verdade, em relatos descritivos em que se utilizam as construções de *estar* + *verbo no particípio*. Mas qual seria o critério de seleção da língua para permitir a expressão de um processo e não de outro? Oposto a *sentar* – no contexto da sentença (2) – *levantar*, por exemplo, não se pode usar no segundo termo do sintagma, pois ocasiona uma sentença agramatical, não aceita pelos falantes.

Na outra língua que se investigará neste trabalho – o espanhol –, constata-se o mesmo fenômeno: não todos os processos podem ser expressos em forma de verbo no particípio. *Sentar* e *levantar*¹² – processos contrários considerando-se a sentença (2) –, no entanto, são ambos passíveis de uso:

(5) El niño **está sentado** en el pasto.¹³

(6) El niño **está parado** en el pasto.¹⁴

Slobin (2003), ao investigar o funcionamento dos verbos de movimento, sugere que, nas línguas-V, o modo do movimento não seria tão codificável quanto nas línguas-S, pois nestas o modo é veiculado em forma de verbo principal; enquanto naquelas, em forma de adjunto. A hipótese, se aplicada ao caso das construções de *estar* + *verbo no particípio*, traz consequências à análise dos exemplos que se pretende abordar neste trabalho. Uma vez que *levantar*, por exemplo, não se admite nas construções com particípio do PB, seria o processo menos codificável, nesses casos, do que *pararse* no espanhol, língua em que se admite?

Para tentar responder, embora parcialmente, à questão, consideram-se português e espanhol de forma independente, não concebendo uma língua do ponto de vista da outra. De outro modo, seria possível incorrer em um equívoco de análise, como diz Humboldt (1999, p. 80), quem propõe que:

Para evitar esse erro, é preciso estudar cada língua separadamente, em seu próprio caráter e, mediante uma análise exata de todas as suas partes, esforçar-se em reconhecer que forma especial possui, segundo sua constituição, para representar cada uma das relações gramaticais.

Isso significa, portanto, que, se certos recursos gramaticais não existirem em português ou em espanhol, não se recorrerá ao outro sistema para justificar essa ausência.

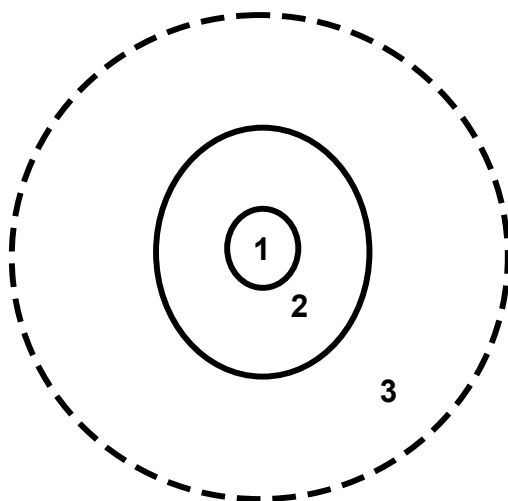
3.2 TIPOS DE PARTICÍPIO

O participípio, em estudos recentes, tem sido visto de uma forma distinta daquela tradicional (das gramáticas normativas, por exemplo). Segundo Perini (2010), há vários indícios de que o participípio não seja uma forma verbal, mas, sim, nominal. Uma dessas evidências é seu comportamento morfológico, o qual difere das formas verbais por flexionar em número (com o sufixo *-s*) e em gênero (com o sufixo *-a*). Assim, argumenta-se que a relação entre o verbo e o participípio seria derivacional; uma vez que também o significado verbal, frequentemente, não se preserva no participípio. Portanto, este se aproximaria muito de um tradicional *adjetivo*, categoria muito presente em relatos descritivos. A *categorização*, um conceito bastante investigado em pesquisas em Linguística Cognitiva (ROSCH, 1975; 1978), pode ajudar a melhor compreender esse hibridismo.

Na categorização, inserem-se as noções de *prototipicidade* e *radialidade*, que auxiliam a medir o grau dos membros de uma categoria segundo a saliência cognitiva. Verbos flexionados no presente do indicativo, por exemplo, seriam mais prototípicos do que verbos flexionados em formas nominais. No participípio, em muitos casos, as formas verbais não mantêm as características morfológicas típicas da

categoria dos verbos. Portanto, nessa categoria, verbos flexionados em particípio, ao contrário daqueles em presente do indicativo, estariam próximos de representantes mais periféricos, “[...] que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial.” (FERRARI, 2011, p. 41). Em forma ilustrativa, ter-se-ia:

FIGURA 1 - CATEGORIA RADIAL



FONTE: BADARACCO; BRUM-DE-PAULA, 2015, p.128.

No núcleo (1), estaria uma forma prototípica de uma determinada classe. No caso de um verbo, a forma flexionada *correu* (de *correr*). Fora do núcleo, mas próxima dele (2), estaria uma forma menos prototípica do que a anterior, mas que caracteriza a classe (*correndo*). Longe do protótipo e próxima da fronteira categorial (3), estaria a forma no particípio (*corrido*).

Adotou-se, a fim de facilitar o presente estudo, a divisão em dois tipos de particípio, haja vista que há vantagens em tratá-los separadamente: o *particípio verbal* e o *particípio nominal* (PERINI, 2010). O primeiro seria aquele em que a *valência* do verbo é respeitada e em que a forma não concorda em número e gênero¹⁵; o segundo,

aquele cuja forma verbal é irregular e cujo significado, muitas vezes, independe do verbo que o originou.¹⁶ Considera-se o particípio verbal, ao contrário do nominal, uma forma que faz parte do verbo primitivo, pois nele se percebem regularidades morfológicas.¹⁷ Além disso, há outra diferença importante: todos os verbos têm particípio verbal, mas nem todos têm particípio nominal. Nos processos analisados neste trabalho, por exemplo, percebe-se isso – no PB, *sentar* tem particípio verbal e nominal; *levantar*, apenas verbal. Nos seguintes exemplos, o verbo principal vem sempre acompanhado de um auxiliar, *ter* (no caso dos particípios verbais) e *estar* (no caso dos particípios nominais):

- (7) O menino tem sentado no chão.
- (8) O menino está sentado no chão.
- (9) O menino tem levantado muito da cadeira.
- (10) *O menino está levantado muito.

Uma vez que são mais recorrentes em descrições de cenários nas duas línguas do *corpus*, voltou-se a atenção aos particípios nominais. A escolha justificou-se, também, porque, no espanhol, verifica-se que o processo *levantar* admite os dois particípios, o que poderia ser indício de haver discrepâncias quanto à saliência de domínios semânticos entre falantes nativos de PB e de espanhol.

4. METODOLOGIA

Coletaram-se os dados de seis sujeitos: três falantes nativos do PB e três falantes nativos do espanhol falado no Uruguai. A escolha da faixa etária (20-55) foi aleatória, uma vez que essa variável não se considera essencial ao presente estudo. A maioria das coletas realizou-se em uma cabine acústica equipada com um computador, um monitor de LCD e um *notebook*. As amostras são de língua falada: relatos descritivos gravados por meio do programa *Audacity*.

O procedimento consistiu em dispor, na tela do *notebook*, dez (10) gravuras em que se retratavam cenas produzidas especialmente para esta pesquisa.¹⁸ Com isso, criaram-se dez cenários (nos quais havia sempre a mesma personagem) em que fosse mais provável haver

a expressão das construções de *estar + verbo no particípio* em textos descritivos. Após, pediu-se aos sujeitos que, olhando uma gravura de cada vez, respondessem a questões, especialmente formuladas para que surgissem os dados pretendidos.

A primeira pergunta foi de caráter geral, pois nela não se dirigiu a atenção dos falantes a nenhum elemento específico dos cenários.¹⁹ O objetivo, portanto, foi deixar a critério do informante as descrições a serem veiculadas, sem condicioná-lo a pensar que umas seriam mais relevantes do que outras.

A segunda pergunta, por sua vez, foi mais específica do que a anterior, já que nela se chamou a atenção, em primeiro lugar, à personagem presente nos cenários (um menino, representado sempre de forma semelhante: com as mesmas roupas e com expressões corporais similares).²⁰ Além disso, objetivou-se deixar em evidência não só a entidade (o menino), como também o processo (*estar sentado* ou *estar em pé*, dependendo da cena). Nos casos em que foi necessário, recorreu-se a duas perguntas posteriores – mais específicas –, a fim de obter as estruturas almejadas.

Na terceira pergunta, requereram-se informações relativas à localização espacial da entidade, por meio da utilização do pronome *onde* e da expressão *em que lugar* (equivalente a *onde* em diversos contextos).²¹ Desse modo, buscou-se ressaltar o estado espacial da entidade em relação aos lugares que integram o cenário. Por exemplo, responder à terceira questão com *no sofá* poderia, em seguida, remeter aos processos *estar sentado* ou *estarem pé*.

Para abranger todas as possibilidades de descrição dos cenários, formulou-se uma última pergunta, na qual se pedia – explicitamente – a informação relativa ao estado espacial da entidade: *sentado* ou *em pé*.²² Assim, conseguiu-se, na maior parte dos casos, eliminar a possibilidade de o resultado da coleta ser infrutífero.

Os filtros mais significativos das perguntas dizem respeito ao tipo de relato que se solicitava. O uso do verbo *estar* condicionou a obtenção de relatos de cunho descritivo e não narrativo (os quais poderiam ter sido obtidos pelo uso do verbo *fazer*).

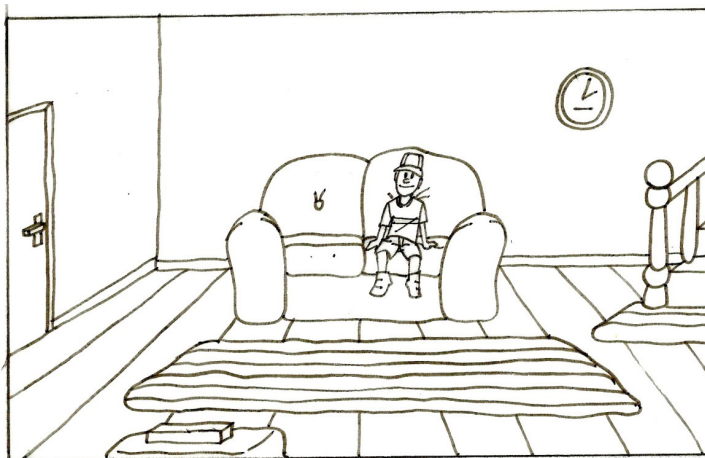
5. RESULTADOS

Os relatos dos informantes nativos do PB e do espanhol foram obtidos com base nas mesmas gravuras. Estas se dividiam em dois cenários comuns de uma casa: uma sala de estar (cinco gravuras) e uma cozinha (cinco gravuras). No total, havia quatro imagens em que o participante (um menino) estava sentado e seis em que ele estava em pé. Em cada uma das cenas, o menino estava nesses dois estados em diferentes lugares dos dois cômodos. Por exemplo, ele aparecia tanto sentado quanto em pé no sofá e no tapete da sala de estar.

5.1 RESULTADOS DOS FALANTES NATIVOS DO PB

Nos relatos dos falantes nativos do PB, o processo *sentar* apareceu em forma de participio em todas as descrições de cenas. Na grande maioria das vezes, o participio foi expresso acompanhado do auxiliar *estar* sem se precisar recorrer às perguntas de caráter específico. O único cenário em que não se utilizou essa forma na pergunta de caráter geral foi o primeiro, no qual o menino encontrava-se sentado no sofá da sala (Figura 2):

FIGURA 2 - MENINO SENTADO NO SOFÁ DA SALA



FONTE: ELABORADA POR THAIS BARBIERI, 2014.,

Em todos os relatos dos falantes nativos do PB, a primeira ocorrência de *sentar* foi em forma de particípio, porém desacompanhada de verbo auxiliar. O resultado indica o comportamento adjetival do particípio, como se pode ver em trechos das transcrições das entrevistas:

(11) “Bom, há uma sala... Na sala, tem um sofá. Me parece uma sala, tem um sofá... Tem um menino **sentado** [...]” (sujeito 1);

(12) “Um menino **sentado** na sala de estar, **sentado** no sofá na sala de estar [...]” (sujeito 2);

(13) “Ã... Um menino **sentado**, assistindo televisão.” (sujeito 3).

Nas outras três cenas em que o menino estava sentado, a expressão do processo foi também categórica, mas com o sintagma *está sentado*. Não se precisou recorrer às perguntas específicas para a ocorrência, ao contrário do que aconteceu com o processo *levantar*. Cabe, antes, dizer que, a fim de ressaltar a posição corporal nas cenas em que a personagem estava em pé, começou-se a coleta pelas cenas em que o menino estava sentado.

O processo *levantar*, ao ser acompanhado pelo auxiliar *estar*, não aparece em forma de particípio, pois não possui particípio nominal no PB. Para exprimir esse processo, há as formas *em pé – de pé*, as quais os informantes usaram em várias das cenas em que o menino estava nessa posição corporal. O uso, porém, não foi categórico, como para *sentar*: houve relatos nos quais não se disse nenhuma das duas possibilidades para *levantar*.

Quanto às perguntas feitas, houve maior necessidade de recorrer àquelas de caráter específico a fim de obter dados. Foi o caso da seguinte gravura:

FIGURA 3 - MENINO EM PÉ NA COZINHA



FONTE: ELABORADA POR THAIS BARBIERI, 2014.

O sujeito 1, por exemplo, expressou o estado corporal apenas na terceira pergunta:

- (14) “Ele **tá de pé**, diante da pia da cozinha... atrás da cadeira... sobre a qual ele tava sentado antes.”.

Um dos fatos que mais merecem destaque na Figura 3 foi a diversidade dos dados, maior do que qualquer uma que retratasse o processo *sentar*. Verificou-se, entre outras tendências, uma alternância nos relatos, pois, em muitas oportunidades, surgiram narrativas, em detrimento de descrições. Isso ocorreu na pergunta de caráter geral da Figura 3, para a qual houve as seguintes respostas:

- (15) “O menino **se aproximou** da... O menino **se levantou**, ele não tá mais sentado sobre a cadeira, a cadeira continua no mesmo lugar [...]” (sujeito 1);
- (16) “Agora ele **levantou** da cadeira e tá... Do lado duma... da pia. Não sei, talvez ele vá lavar as mãos, talvez ele vá lavar o prato, eu não sei. [...]” (sujeito 3).

5.2 RESULTADOS DOS FALANTES NATIVOS DO ESPANHOL

Os resultados dos falantes nativos do espanhol foram bastante similares em relação ao processo *sentar*. Para a Figura 2, assim como nos dados dos falantes do PB, houve a forma equivalente a *menino sentado* (*niño sentado*). No espanhol, também se notam características que fazem do particípio uma forma radial na categoria dos verbos. Nas demais cenas em que o menino estava sentado, houve uso categórico do sintagma *está sentado*.

É importante destacar que se constatarem diferenças relativas às preposições preferidas para acompanhar o sintagma verbal nos diversos cenários na expressão dos dois processos. Uma vez que a informação circunstancial (*onde o menino está*) era um dos focos das imagens, distintas foram as preposições e locuções prepositivas que introduziam esses adjuntos (*en, sobre, encima de, arriba de*).²³

O processo *levantar* também teve um uso categórico nas estruturas de *estar + verbo no particípio*. *Estar parado* foi utilizado por todos os informantes nativos de língua espanhola em todos os contextos possíveis para ocorrência. Assim como com *sentar*, não houve necessidade, na grande maioria dos casos, de recorrer a perguntas específicas para obter a informação. A uniformidade dos dados do espanhol, no que concerne a esse processo, não foi constatada nos do português, o que permite levantar algumas hipóteses.

6. DISCUSSÃO DOS DADOS: HIPÓTESES

O uso de *sentar*, em forma de particípio, precedido por *estar* ser frequente nas duas línguas poderia ser uma afirmação óbvia aos falantes de espanhol e de português, pouco relevante para pensar-se nas implicações que pode trazer. Porém, comparando *sentar* com seu *par*, por assim dizer, *levantar*, verificam-se diferenças no que tange à expressão, à língua em uso, no próprio PB. De algum modo, ao serem requeridos como *estados*, pode não haver *simetria*. Embora sejam processos análogos, contrários nos contextos das imagens desta pesquisa, falantes nativos do PB não expressaram a informação referente ao estado espacial da mesma forma. Contrastar os dados do

PB com os do espanhol, talvez, fortaleça essa hipótese e possibilite formular outras.

Os falantes nativos do espanhol utilizaram, com a mesma frequência, *estar sentado* e *estar parado*. Desse modo, em todos os cenários elaborados para este trabalho, veicularam o estado espacial do menino, de forma explícita, como para a Figura 3, respondendo:

(17) “Ahí está... **Está parado**, con...con las manos en los bolsillos...
En la...en la pileta, digamos, al lado de la pileta de la cocina,
entre la
silla y la pileta [...]”²⁴ (sujeito 4);

(18) “Y ahora **está parado** en frente a la...a la...al lavatorio ahí de la
cocina... Mirando para el mismo lado, parado y...quietito [...]”²⁵
(sujeito 5).

Embora possa ser a regra do português também, para esse mesmo contexto inclusive, as estratégias são, de certa maneira, mais variáveis, como em (16), em que o estado *em pé* não se veicula explicitamente. O trecho (16) inicia em forma de narrativa, com *levantou*, mudando para descrição, com *estar*. A combinação de *levantou* e *está do lado da pia* pode remeter, em parte, a *estar em pé do lado da pia*. A informação do estado espacial, a diferença do que acontece no espanhol, porém, passa a ser inferida.

Verificaram-se outras estratégias, para cenários em que o menino estava em pé, que não ocorreram no espanhol:

(19) “[...] O menino **se levantou, ele não tá mais sentado sobre a cadeira**, a cadeira continua no mesmo lugar [...]” (sujeito 1);

(20) “Agora ele **tá Ø em cima da cadeira** [...]” (sujeito 3).

Nessas duas sentenças, o estado espacial é inferido de formas distintas. Em (19), *em pé* infere-se pela ação (*levantou*) e pela negação do estado anterior (*não está mais sentado sobre a cadeira*); em (20),

pela simples elipse de *em pé* (marcada pelo sinal de conjunto vazio), somada à expressão da circunstância (*em cima da cadeira*). Os dois exemplos são bastante naturais aos falantes, servindo de resposta para a pergunta de caráter geral. É interessante notar que, em (20), a inferência de *em pé* talvez possa acontecer devido à incompatibilidade, nesse contexto, da locução prepositiva *em cima de* com *sentar*.²⁶

7. CONCLUSÕES

O fato de, nas duas línguas analisadas, haver meios linguísticos mais ou menos parecidos para expressar *sentar* e *levantar* precedido do verbo *estar* poderia enganar. A diferença entre o PB e o espanhol pode não ser somente a forma (no caso de *em pé* em oposição a *parado*): talvez haja discrepâncias quanto à predisposição desses falantes em expressar cada um dos processos em forma de estados. Desse modo, haveria consequências relacionadas a como se apreende a informação no PB e no espanhol: enquanto um admitiria inferências, combinações e categorias vazias de forma mais recorrente, o outro tenderia ao preenchimento desses espaços no momento da comunicação.

EXPRESSING THE PROCESSES OF SITTING AND STANDING UP IN DESCRIPTIVE REPORTS PRODUCED IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND URUGUAYAN SPANISH

ABSTRACT

This paper describes the investigation of how processes of *sitting* and *standing up* are expressed in reports produced by native speakers of Brazilian Portuguese (BP) or Uruguayan Spanish (US). The structure aimed consists of the verb *to be* and the verb in the past participle. Considering that there are specific ways to express both processes on BP and US, would there be differences between what is said and what is inferred? The goal of this paper was to verify whether there is evidence of the fact that identical scenarios are expressed in different ways by speakers of PB and US.

KEYWORDS: Sitting, standing up, cognitive linguistics, Brazilian Portuguese, Uruguayan Spanish.

RESUMEN

En este artículo, se investiga la expresión de los procesos *sentarse* y *levantarse* en relatos producidos por tres sujetos hablantes nativos del portugués brasileño (PB) y tres del español uruguayo (EU). Se discute la estructura lingüística formada por el verbo *estar* y por un verbo en participio. En virtud de que en el PB y en el español hay modos particulares de expresar ambos procesos, ¿habrá diferencias en lo que se dice y en lo que se infiere? Para la colecta de datos se produjeron imágenes y se elaboraron preguntas con el objetivo de obtener los datos pretendidos. El objetivo fue verificar si existen evidencias de que los escenarios idénticos son descritos de manera distinta por los hablantes del PB y del EU.

PALABRAS-CLAVE: Sentarse. Levantarse. Lingüística Cognitiva. Portugués Brasileño. Español de Uruguay.

8. NOTAS

- 1 Cabe notar que estar parado, no PB, não denota estar em pé, como no espanhol, mas sim estar em repouso, quieto. Ainda, quando se fala em estado resultante de levantar, alude-se a estar em pé. Por esse exato motivo, é plausível tratar o par sentar e levantar do PB como equivalente ao par sentarse e pararse do espanhol: embora os usos de cada verbo difiram nas duas línguas, os estados resultantes são os mesmos nos contextos deste estudo (estar sentado – estar em pé; estar sentado – estar parado).
- 2 Uma prova disso é que não houve ocorrências do tipo O menino está levantado no tapete entre os falantes do PB neste estudo para expressar O menino está em pé no tapete.
- 3 Esse pensador do século XIX, espécie de linguista antropológico, destacou o caráter diverso das línguas e a riqueza individual de cada sistema linguístico. De fato, comparadas, as línguas revelariam uma pluralidade de pontos de vista.

- 4 Equivalente, no PB, a “O menino caiu da árvore e o cachorro estava fugindo das abelhas”.
- 5 Equivalentes, no PB, respectivamente, a entrar, sair, subir, descer, voar e correr.
- 6 No PB, o equivalente seria “O pássaro saiu do buraco da árvore voando até embaixo”.
- 7 Slobin (2003) estuda o inglês e o francês, porém o espanhol integra o grupo de línguas românicas que funcionam de forma semelhante quanto à expressão do movimento.
- 8 No PB, a sentença seria similar: “O menino inseriu a rã no pote que havia embaixo”.
- 9 A sentença mais próxima, no PB, seria “O menino está em cima da árvore”.
- 10 Os termos originais são satellite-framed languages (S-languages) e verb-framed languages (V-languages).
- 11 Os termos originais são aspect e definiteness.
- 12 No espanhol, a oposição, no contexto de (2), é entre sentarse e pararse. Levantarse, por sua vez, opor-se-ia a acostarse e isso ocorreria em outro contexto.
- 13 Em português, equivaleria ao exemplo (2).
- 14 O equivalente para esse exemplo, em português, será discutido adiante.
- 15 Tal como em “O professor tem aceitado as justificativas dos alunos”.
- 16 Tal como em “O professor é bem aceito pelos alunos”.
- 17 Diz-se tanto “O aluno tem estudado muito para a prova” quanto “A aluna tem estudado muito para a prova”, independentemente do gênero gramatical (masculino ou feminino).
- 18 Agradecemos enormemente a Thais Telles Barbieri, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, pela produção dos desenhos.
- 19 “Como descreverias esta cena?”.
- 20 “O que o menino está fazendo nesta cena?”.
- 21 “Onde o menino está? Em que lugar do cômodo?”.

- 22 “Em que posição o menino está nesse lugar?”.
- 23 Respectivamente, equivalentes a em, sobre, em cima de e na parte de cima de.
- 24 “Aí está... Está em pé, com... com as mãos nos bolsos... na... na pia, digamos, do lado da pia da cozinha, entre a cadeira e a pia [...]”.
- 25 “E agora está em pé em frente da... da... da pia ali da cozinha... Olhando para o mesmo lado, em pé e... quietinho [...]”.
- 26 Soaria estranho, aos falantes nativos das duas línguas, “estar sentado em cima da cadeira”. A preposição preferida, tanto nos dados do PB quanto nos do espanhol, para acompanhar sentar foi em.

REFERÊNCIAS

- BADARACCO, L. M. D.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Traduzir é categorizar: um caso de tradução interlinguística espanhol-português. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 1, p.128, 2015.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- HUMBOLDT, W. V. Sobre a origem das formas gramaticais e sobre sua influência no desenvolvimento das ideias. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). *Línguas e instrumentos linguísticos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- ILARI, R.; GERALDI, W. *Semântica*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. In: *Journal of Experimental Psychology: General*. v. 104, n. 3, p.192-233, 1975.
- _____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Org.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.
- SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Org.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge University Press, 1996.
- _____. Language and thought online: cognitive consequences of linguistic relativity. In: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (Org.). *Language in mind: Advances in the study of language and thought*. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.

TALMY, L. The fundamental system of spatial schemas in language. In: HAMPE, B. (Org.). *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

Submetido em 15 de maio de 2015

Aceito em 21 de janeiro de 2017

Publicado em 31 de agosto de 2017
